14/09/2021 14:41 Fonte Segura

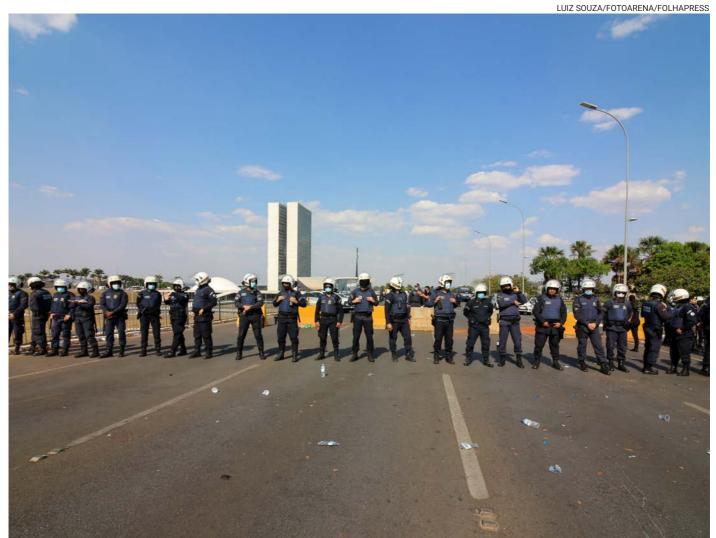
POLÍTICA E POLÍCIA

7 de Setembro, Bolsonarismo e Polícias Militares

Medidas adotadas por comandos das Polícias Militares do País contribuíram para o abrandamento da temperatura. Os mais exaltados se aquietaram e os ânimos foram serenados



Glauco Silva de Carvalho 9 de setembro de 2021



Grande efetivo policial mobilizado em Brasília foi capaz de impedir o acesso de manifestantes aos prédios do Congresso e do Supremo Tribunal Federal no dia 7

Escrevo este artigo poucas horas depois de a manifestação, convocada por Bolsonaro, ter se finalizado.

Como eu previra anteriormente, nada grave em termos de violência e segurança pública ocorreu. O grande receio de importantes e significativos segmentos da sociedade, inclusive dos meios militares e policiais, se esvaiu. Reinou a paz e o direito de protestar e de se manifestar, garantido constitucionalmente, permaneceu incólume.

Medidas adotadas por quase todos os comandos das Polícias Militares do país surtiram o efeito desejado. Abrandou-se a temperatura, chamaram seus integrantes à sua real responsabilidade, aquietaram-se os mais exaltados, serenaram-se os ânimos. Aqui em São Paulo, desde a quinta-feira da semana passada (2), os comandantes de diferentes frações de tropa foram instruídos a

14/09/2021 14:41 Fonte Segura

adotar tom sereno e instruir os efetivos policial-militares a se submeterem à lei, à Constituição e a se preservarem de eventuais enquadramentos penal-militares ou de cunho administrativo-disciplinar.

Em sua maioria, integrantes da reserva compareceram ao evento, o que entendo ser plenamente legítimo e legal.

O que ficou fora do script, se bem que não nos surpreende de todo, foram as palavras agressivas, autoritárias e desafiadoras do presidente da República. No dia da Independência, Bolsonaro foi ele por ele mesmo. Nunca surpreende, porque faz da guerra e do conflito sua forma de fazer política. É a maneira de mobilizar seus seguidores e manter acesa a chama do golpismo. Esse segmento ainda não aprendeu que, nas democracias, as contendas e as divergências não se resolvem pelas armas. Mas sim pelo diálogo, conversa, consenso e dialética. Foi aplaudido quando, em sua impetuosidade, desafiou outros poderes e, na prática (não em tese) se negaria a cumprir determinações judiciais. Confesso que, na minha inocência, achei que ele fosse amenizar o discurso. Até para poder angariar mais apoios políticos, aprovar suas propostas no Legislativo e no Judiciário.

No fundo, Bolsonaro é uma criança amedrontada. É imaturo, juvenil. Suas palavras e ameaças sugerem um indivíduo ameaçado em sua alma, instável e muito, mas muito inseguro. Adultos não agem dessa maneira. Num mundo de vedetismos das redes sociais e de infantilidade nas relações sociais, Bolsonaro encontrou seu lugar, e um lugar de destaque e em condições de fazer muito, mas muito estrago.

Confesso que me surpreendeu a quantidade de pessoas na Paulista. As hostes bolsonaristas afirmam que 125 mil pessoas é pouca coisa. Pois é uma cidade de porte médio no Estado de São Paulo. É muita gente e as fotos e transmissões assim o demonstraram. Não é nada desprezível. O que essas pessoas desprezaram, na realidade, é o respeito pela democracia. Um chefe de Estado não pode assumir uma posição irresponsável e ameaçadora de afronta a outros poderes. Ele não tem a estatura do cargo. Nem conhece a liturgia que seu papel e sua função estão a exigir.

Creio que teremos tempos chuvosos e nublados pela frente. Tempos difíceis. Precisamos, em momento oportuno, entender o que leva alguns milhões de pessoas a aderir a um discurso raivoso e agressivo, de ofensa, de descortesia, de humilhação, de desprezo pelas mais comezinhas regras de convivência pública e de respeito ao próximo. Incluo aqui a categoria dos policiais militares (e também segmentos expressivos de policiais civis).

Continuo achando que o Exército ainda é a garantia de nossa democracia. Seus altos quadros estão cientes de toda a orquestração por detrás de Bolsonaro. Não é o que ele diz, mas o que ele não diz que importa. 1964 foi outra conjuntura. O que move Bolsonaro não são razões públicas, mas privadas. A ver os próximos capítulos.

De minha parte, em que pese a frustração de esperar algo diferente do presidente, fico satisfeito por não ter havido qualquer incidente envolvendo meus companheiros de farda. Que assim seja, nos limites da lei.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

https://fontesegura.org.br/politica-e-policia/ckkq7krmx5

